

Portugueses e espanhóis falam de literatura e identidade

O Mito na Literatura Ibérica Actual «O Escritor e o Novo Fim de Século», mesas-redondas que decorreram nos passados dias 14 e 15, no Banco Exterior de Espanha, centram-se na escrita como busca de identidade e como forma de catarse.

«Ao escritor exige-se-lhe a capacidade de sonhar, de transcender a dimensão do real» — disse Rosa Montero. Robert Sala-dréguas falou da ausência de um mito único na literatura espanhola actual.

Das referências míticas na literatura portuguesa, Lídia Jorge disse que «o que está sempre em causa desde Eça de Queirós a Lobo Antunes é o mito do País, a procura de uma identidade

identidade sem o confronto de identidades» — acrescentou o autor da «Alexandra Alpe». O autor de «A Balada da Praia dos Cães» disse, noutra passagem da sua intervenção, que «qualquer escritor, quando escreve, não faz mais do que procurar a sua identidade.»

A função da arte, a relação entre homem e artista e o papel do intelectual na sociedade actual foram ainda alguns dos temas abordados.

«O artista deixou de ter um papel de condutor, perdeu o seu posto na sociedade» — foram palavras de Almeida Faria no mesmo debate. O escritor acrescentou ainda que o lema «saber significa poder» não tem qualquer significado na sociedade actual, adiantando que existe «uma



Rafael Alberti: uma homenagem que encerra uma jornada cultural importante

tro de escritores dos dois países.

Para Javier Tomeo «a televisão talvez tenha trazido mais leitores. No entanto, é preciso saber que tipo de livros lêem e não a quantidade de livros que lêem.»

O autor de «Delfim» afirmou, por seu turno, que «a televisão constitui uma ameaça, porque há o lado negro da massificação da linguagem». «É — disse — uma nuvem de sombra que cresce sobre nós para nos impor o silêncio.»

O escritor referiu-se ainda à relação entre um regime de democracia aberta e o sistema de mer-

cado, interrogando-se sobre a possibilidade de, nessa relação, o escritor ser vítima de manipulação.

«● que está em risco — acrescentou — é a identidade de uma linguagem e de uma narrativa.»

Poesia em recital

A ilustração das diversas tendências da poesia contemporânea em Portugal e Espanha foi o objectivo central do recital de poesia realizado no passado sábado, em que participaram, dizendo os seus textos, Luis García Montero, Felipe Benítez, José Hierro, Al Ber-

to, Egito Gonçalves e Fernando Guimarães.

As pessoas presentes, que quase esgotaram o auditório do Banco Exterior de Espanha, reagiram com entusiasmo à leitura dos textos de portugueses e de espanhóis, demonstrando que a língua não constitui barreira quando o que está em jogo é o entendimento profundo da poesia.

Hoje, terça-feira, realiza-se pelas 19 horas, no anfiteatro da Tabaqueira, a conferência «Escrever na Península Ibérica: Problemas Profissionais e Integração na Europa», que conta com a participação de Andrés Soul e Juan Mollá. No auditório da Cinemateca Portuguesa é exibido, também hoje, às 21.30, o filme de Carlos Saura «Bodas de Sangue», baseada no obra homónima de Federico García Lorca.

Amanhã, quarta-feira, haverá exibição de mais filmes na Cinemateca, sobre textos de escritores espanhóis.

Na quinta-feira, às 18.30, no auditório do Banco Exterior de Espanha, será lançado o livro «As Histórias Naturais», de Juan Pedro, com a chancela da Editorial Teorema.

Na noite de 29, no Forum Picosos, é apresentada, às 18.30, a revista «Daina», dedicada à literatura portuguesa contemporânea.

Recorda-se que a jornada «Livros de Espanhas» culmina no dia 7 de Dezembro, às 18.30, no Forum Picosos, com uma homenagem a Rafael Alberti, a que se seguirá um recital de poesia com participação de Eugénio de Andrade, Sophia de Mello Breyner, Fernanda Alves e do próprio Alberti.

Z. S.



Lídia Jorge

colectiva. Cardoso Pires, Saramago, todos estes escritores se centram num único mito.»

Para a escritora, foi este facto que limitou a literatura portuguesa não possibilitando a exploração de outros géneros como se verificava na literatura espanhola.

«Tudo gira à volta da identidade» — afirmava José Cardoso Pires, na mesa-redonda «O Escritor e o Novo Fim de Século.»

«Não podemos discutir a

espécie de nostalgia da perda da figura clássica do artista.

Para Cardoso Pires, «estamos a viver um momento de perplexidade com a queda dos dogmatismos.»

Media e literatura

A relação existente entre o media e a literatura foi outro dos temas em debate naquele encon-



José Cardoso Pires

Duas poesias irmãs

García Montero

Estes encontros são muito importantes. Já tive oportunidade de participar num encontro de poesia hispano-portuguesa em Madrid. A poesia espanhola e a portuguesa são irmãs, porque têm uma tradição cultural semelhante e porque têm uma história muito parecida. Este encontro declara a semelhança das nossas literaturas e da nossa cultura. A poesia jovem portuguesa e a espanhola têm grandes valores.

A literatura portuguesa é já hoje muito conhecida por parte dos espanhóis. O que há de comum entre a poesia portuguesa e a espanhola é a recuperação de uma tradição mas que é, ao mesmo

tempo muito inovadora. E uma poesia renovadora na forma e que recupera temas da cultura urbana. É uma poesia que não tem medo de voltar aos sentimentos, que durante muito tempo foram um tema mal visto. Classificá-la como uma poesia que retorna bastante à tradição, mas que, ao mesmo tempo, aposta na modernidade, sendo bastante revolucionária formalmente. Situa-se na cultura das grandes cidades contemporâneas. A mim interessa-me muito a tradição poética de um ponto de vista que seja vital para o leitor contemporâneo; que seja uma poesia não encerrada no passado e que fale da realidade da nossa história. O poeta tem que olhar culto e inteligente e que seja contemporâneo daquilo que vê o homem da rua.

Momento rico e variado

José Hierro

Estes encontros são fabulosos porque contribuímos para conhecer as literaturas peninsulares. Estamos separados por uma pequena fronteira, mas da literatura portuguesa conhecemos apenas os clássicos. Cambes e pouco mais. É importante conhecer os problemas actuais dos poetas dos dois países, da sociologia, do País.

O movimento poético social ao qual pertence não é apenas um momento, é eterno na poesia castelhana. Em Espanha sempre existiu esse movimento reivindicativo com poetas como Blas Otero e Celaya. O seu apogeu foi no franquismo. Hoje decaiu um pouco, mas não deixou de existir.

Brevemente, vou publicar o meu novo livro «Agenda». Não tem uma estrutura rígida. Fala de coisas e circunstâncias. A actual poesia vive um momento rico e variado.